



UNIVERSIDADE ESTADUAL
DA REGIÃO TOCANTINA DO
MARANHÃO

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E LETRAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

**Estratégias visuais no ensino de surdos em catequese: um estudo de caso na
Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Imperatriz – MA.**

Imperatriz-Ma
2024

BRUNA PEREIRA DE SOUZA

Estratégias visuais no ensino de surdos em catequese: um estudo de caso na Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Imperatriz – MA

Trabalho apresentado a Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão-Uemasul, campus Imperatriz, como requisito para obtenção de título de Especialista em Libras.

Orientador: Prof. Me. Antonio Michel de Jesus de Oliveira Miranda.

Imperatriz-Ma
2024

S729e

Souza, Bruna Pereira de

Estratégias visuais no ensino de surdos em catequese: um estudo de caso na Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Imperatriz – MA. / Bruna Pereira de Souza. – Imperatriz, MA, 2024.

25 f.; il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Libras) – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Imperatriz, MA, 2024.

1. Ensino dos surdos. 2. Estratégias pedagógicas visuais. 3. Catequese. 4. Imperatriz - MA. I. Título.

CDU 376.33

Ficha elaborada pelo Bibliotecário: **Mateus de Araújo Souza CRB13/955**

FOLHA DE APROVAÇÃO


BRUNA PEREIRA DE SOUZA

Estratégias visuais no ensino de surdos em catequese: um estudo de caso na Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Imperatriz – MA


Trabalho apresentado a Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão-Uemasul, campus Imperatriz, como requisito para obtenção de título de Especialista em Libras.

Orientador: Prof. Me. Antônio Michel de Jesus de Oliveira Miranda.


Aprovado em 15/01/2024

Documento assinado digitalmente  ANTONIO MICHEL DE JESUS DE OLIVEIRA MIRANDA
Data: 20/02/2024 13:48:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Antônio Michel de Jesus de Oliveira Miranda
Mestre em Ciências das Religiões
Orientador

Documento assinado digitalmente  CLAUDIA LUCIA ALVES
Data: 23/02/2024 07:09:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Claudia Lucia Alves

Documento assinado digitalmente  GEOESLEY JOSE NEGREIROS MENDES
Data: 17/02/2024 07:29:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Geóesley José Negreiros Mendes
UEMASUL

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DA IGREJA CATÓLICA E A COMUNIDADE SURDA	8
3	CULTURA SURDA	11
4	CONCEPÇÃO DE INCLUSÃO E O PAPEL DA PASTORAL DO SURDO NO BRASIL	12
5	VISUALIDADE: A RELEVÂNCIA DA PEDAGOGIA VISUAL NO PROCESSO DE ENSINO DO SURDO.	16
6	METODOLOGIA	18
7	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	18
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
	APÊNDICE A	25
	QUESTIONÁRIO	26

Resumo

O presente trabalho busca investigar a possibilidade de contemplação de estratégias pedagógicas visuais em uma turma de catequese de uma paróquia em Imperatriz-Ma. Levando em consideração que, a comunidade surda possui uma cultura e língua própria, e que necessita de uma abordagem de ensino diferente do público ouvinte, buscamos pesquisadores dessa temática para aprofundar acerca deste assunto, dentre estes pesquisadores estão : Campello(2008) que aborda acerca dos aspectos da visualidade no ensino de surdos, bem como outros autores que foram essenciais para esta pesquisa. As literaturas base deste trabalho relatam que, é fundamental que os membros das comunidades religiosas tenham conhecimento acerca dessas particularidades, buscando formações e conhecimentos sobre o sujeito surdo além de uma atenção quanto ao material a ser trabalhado e a forma de transmissão desse conhecimento, uma vez que esse público faz um uso considerável da visualidade.

Palavras-chaves: estratégias pedagógicas visuais. catequese. visualidade.

ABSTRACT

This present study aims to investigate the possibility of integrating visual pedagogical strategies in a catechesis class at a parish in Imperatriz, MA. Considering that the deaf community has its own culture and language, requiring a different teaching approach from the hearing audience, we seek researchers in this field to delve deeper into this subject. Among these researchers is Campello (2008), who addresses aspects of visibility in deaf education, as well as other authors who were essential for this research. The foundational literature for this work suggests that it is crucial for members of religious communities to have knowledge about these particularities, seeking training and understanding about deaf individuals in addition to attention to the materials to be used and the method of transmitting this knowledge, as this audience relies considerably on visual cues.

Keywords: visual pedagogical strategies. Catechesis. visual

1 INTRODUÇÃO

Existe uma aproximação histórica entre a Igreja Católica e a pessoa surda. Agentes religiosos foram essenciais para o desenvolvimento da língua de sinais e para a inserção dos surdos na sociedade e nas comunidades religiosas. Para aqueles que buscam professar a fé Católica, incluindo a comunidade surda, é imprescindível compreender as doutrinas dessa religião e isso se dá a partir do que chamamos de catequese, definida como “uma educação da fé das crianças, dos jovens e dos adultos, que compreende especialmente o ensino da doutrina cristã, ministrado em geral dum modo orgânico e sistemático, em ordem à iniciação na plenitude da vida cristã” (Vatican, 1979).

O documento mencionado reconhece a catequese como uma “educação da fé”, e como qualquer ato que se estabeleça uma relação educacional, é necessário uma maior reflexão por sobre as questões do ensino e da aprendizagem dos partícipes envolvidos nesse processo, aqui, o catequizando surdo, que dentre seus elementos culturais, “na visualidade se centram, certamente, a maior parte das alternativas planejadas para a pessoa surda” (IFPB,2018) o que se aplica também nos processos educacionais, aqui discutidos na catequese da pessoa surda.

O ensino da doutrina cristã, considerando a Libras e suas características particularidades, como uma língua gesto-visual e centrada na visualidade nem sempre foi o cerne quando falamos acerca da transmissão do ensino religioso na Igreja Católica, conforme retrata Silva.

A inserção da Libras (Língua Brasileira de Sinais) no meio eclesiástico, pode ser percebida desde o início do século XX. No entanto, uma das suas principais características, a visualidade, nem sempre foi levada em consideração. Durante muito tempo, a Libras esteve atrelada ao português. Ao longo da história ,foi possível perceber que algumas publicações católicas apresentavam essa dependência estrita da língua portuguesa, como por exemplo “Silêncio da Fé”, do Padre Oates, lançado em 1961, na qual os gestos eram apresentados em estrita concordância com a língua portuguesa (Silva,2019)

Vale lembrar que , conforme comentado por Silva (2012), os agentes religiosos da época mencionada, como padres e congregações, tiveram a oralidade muito presente em sua trajetória. Apesar de algumas congregações se afirmarem bilíngues, na maioria das vezes, a língua de sinais era utilizada entre os próprios partícipes (surdos) em momentos de lazer. Contudo, os estudos do padre Oates, mencionados anteriormente , juntamente com a imersão de diversas associações vinculadas a surdez, contribuíram para que o hoje conhecemos como Libras.

Diante do exposto acima, das ideias sobre a surdez, a igreja, a catequese e o elemento cultural da visualidade, como estratégia pedagógica para a inclusão e acessibilidade do catequizando surdo, o norte desta pesquisa se materializa pela seguinte indagação: é possível a contemplação de estratégias pedagógicas visuais no ensino de surdos em catequese, a fim de possibilitar aspectos de inclusão e acessibilidade no contexto religioso?

Assim, a fim de buscar a resposta para nossa problemática, delimitamos os seguintes objetivos para esta pesquisa : o objetivo geral visa investigar a possibilidade da contemplação de estratégias pedagógicas visuais no ensino de surdos em catequese, como possibilidade de inclusão e acessibilidade em uma paróquia na cidade de Imperatriz – MA. E por objetivos específicos: Conhecer a catequese de surdos em uma paróquia de imperatriz – MA e suas estratégias pedagógicas para a inclusão e acessibilidade do catequizando surdo; Identificar a formação e o planejamento dos catequisas de surdos desta paróquia; reconhecer aportes teóricos que contemplem a valia pedagógica das estratégias visuais no processo de ensino-aprendizagem da pessoa surda e sua relevância no contexto religioso para catequizandos surdos.

2 Breve contexto histórico da Igreja católica e a comunidade surda

Para compreender essa proximidade da comunidade surda com o meio eclesial, é necessário observar a relação destes sujeitos ao longo da história. Nesta seção, vamos explorar acerca da comunicação gestual nos mosteiros durante a idade medieval, buscando verificar a contribuição desse modo de comunicação para o que é reconhecido hoje como Libras, bem como as dificuldades de encontrar materiais históricos sobre esta temática. Em seguida abordaremos as primeiras missões evangelizadoras realizadas pela Igreja Católica com pessoas surdas no Brasil e de que modo essa interação foi evoluindo ao longo do tempo, levando a igreja a despertar, nas últimas décadas, para uma ação evangelizadora cada vez mais inclusiva e acessível (Reilly,2007).

Nas temáticas relacionadas aos estudos dos surdos, nota-se que durante muito tempo houve uma certa dificuldade de acesso a materiais que relatassem narrativas históricas referentes a assuntos pertinentes a história a língua de sinais. Como resultado, muitas afirmações eram incertas. Reilly comenta que:

[...] em virtude da escassez de literatura histórica no país e da falta de acesso a documentos primários no Brasil, foram perdidos alguns elementos importantes na narrativa histórica dos primórdios da educação dos surdos, os quais procuramos reconstruir [...] o leitor que consulta literatura [...] defrontasse com algumas afirmações simplistas, sem crítica ou questionamento [...] listam-se ocorrências de forma desconexas, como as que se seguem: 1.nos

mosteiros medievais, a língua de sinais era utilizada para driblar o voto do silêncio; 2.o pioneiro da educação dos surdos foi o frade Pedro Ponce de León, que trabalhou com filhos da nobreza espanhola no século XVI. (Reilly,2007, p.309).

Desta forma, Reilly(2007) considera que muitas afirmações, como as relatadas na citação acima, não eram suficientes para se ter uma compreensão mais precisa acerca da contribuição da igreja na disseminação da língua de sinais. Contudo, diversos eventos contribuíram para impulsionar as pesquisas na área da educação dos surdos , tornando possível o acesso a registros históricos sobre o assunto. Sobre isso Reilly discorre que:

[...] entre os fatores que contribuíram para a divulgação de registros históricos importantes para a construção de uma narrativa coerente[...] temos: 1.o movimento da própria comunidade surda em busca de raízes históricas dos modos de educação do surdo (ver Ericsson ,1993); 2.o interesse da linguística pelos temas de aquisição de linguagem (e da não-aquisição de linguagem), do bilinguismo; do ensino de segunda língua[...] (Reilly,2007, p. 309).

A partir dos eventos acima citados, Reilly(2007) comenta que foi possível ter acesso a outros registros históricos e, através dos quais novas informações foram sendo tecidas sobre a relação entre a língua de sinais e a Igreja Católica. Diante disso, percebeu-se nos estudos da autora citada anteriormente que as primeiras linguagens sinalizadas foram inseridas em instituições monásticas. Aqui vale ressaltar que um dos primeiros iniciadores desse modo de viver -monasticamente- que se tem conhecimento, viveu no Egito entre os séculos IV e V d.c., chamado de Santo Antão. Sobre este modo de vida, é importante destacar algumas características: reclusão e por uma vida de silêncio. Em decorrência dessa vida de silêncio, surgia a necessidade de comunicação, uma vez que nos mosteiros os monges também tinham que desempenhar ofícios e se comunicar interna e externamente. Sobre isso Banham (1991, *apud* Reilly 2007) comenta que :

linguagens sinalizadas foram incorporadas oficialmente nas práticas monásticas e, buscaram a transmissão dos sinais inter e extramosteiros [...] porque os novos noviços que chegavam precisavam aprender; e extramosteiros para dar apoio a novos agrupamentos e manter coesão entre as comunidades das igrejas.

Banham (1991, *apud* Reilly, 2007) discorre que, não se tem conhecimento de como se dava a comunicação com as mãos nos mosteiros. É importante reforçar que houve duas reformas monásticas importantes, de acordo com as pesquisas de Reilly(2007) foram: a de Cluny em no ano de 910 e a cisterciense iniciada em 1098.Esta última, de acordo com Bainton (1966, *apud* Reilly, 2007) formada com base nas regras de São Bento. A partir dessas reformas

surgiram várias listagens de sinais. Não se sabe ao certo, mas provavelmente, a intenção era divulgar esse modo de comunicação para a posteridade (Reilly,2007).

Mediante as incertezas da migração ou não da língua de sinais , o elo histórico entre os agentes religiosos e a língua de sinais é percebido em outros momentos históricos. O Padre Ponce de León (1520-1584) durante seus trabalhos de ensino com crianças surdas da aristocracia espanhola tem o seu trabalho consolidado. Essas crianças, até então, sabiam apenas sinais caseiros (Reilly,2007), Ponce de León foi encarregado de cuidar da educação dessas crianças mencionadas acima, acredita-se que nesse momento se deu a intercepção histórica dos sinais monásticos com os sinais dos surdos. De acordo com a autora Plann (1997,*apud* Reilly,1997) grande parte dos registros da metodologia do Ponce de León foi perdida. Segundo algumas testemunhas oculares, o monge combinou parte dos sinais beneditinos com os sinais caseiros aprendidos pelos pupilos. Relatam ainda que o monge utilizava o “alfabeto manual, um modo de soletrar no ar formando letras com os dedos”.

Alguns pesquisadores como Cesar Augusto de Assis, no seu livro *Cultura surda: Agentes religiosos e a construção de uma identidade*, nos possibilita aprofundar acerca dessa estreita relação da igreja católica com a surdez, percebemos como os agentes católicos influenciaram outras religiões com suas obras voltadas para o público surdo.

Luteranos, no início dos anos d de 1980, por influência de intelectuais norte-americanos, afirmaram o estatuto da Linguagem de Sinais do Brasil e publicaram um livro com educadores religiosos católicos, entre eles, os padres Oates e Penido Burnier [...]de outro modo, missionários Batistas que passaram a evangelizar surdos, apropriaram-se também do livro de Oates para o aprendizado das mímicas e dos gestos, como chamavam a comunicação atribuída aos surdos (Silva,2019, p.34).

Nota-se ainda, segundo a pesquisa de Silva(2019), como diversas congregações vinculadas a Igreja Católica surgiram nas 5 regiões do Brasil ao longo do século XX, e na sua maioria de origem Europeia, Francesa, Italiana, dentre outras, dedicando-se à assistência social além de atuar como institutos, asilos e hospitais. É importante salientar que a maioria dessas congregações ainda eram provenientes de um contexto oralista, haja vista que o oralismo perdurou até meados dos anos de 1980-1990, e algumas dessas congregações foram fundadas, por exemplo, em 1906, como é o caso Congregação de Nossa Senhora do Calvário , e o Instituto Santa Teresinha , em 1929, em Campinas (SP) dentre outras.

Contudo, com as pesquisas corroboradas por Stokoe, esse paradigma do oralismo foi dando espaço a novas perspectivas de comunicação, como a comunicação total. Algumas congregações aderiram na década de 90 a educação bilíngue. Assim, a Igreja Católica foi se

ajustando às novas propostas pedagógicas que estavam surgindo. Dessa forma, nota-se um olhar ao sujeito surdo que possui uma cultura e características próprias.

Posto isto, torna-se relevante observar as características e particularidades do sujeito surdo, olhando as questões pertinentes à sua cultura e como o conhecimento dessa cultura são imprescindíveis na aprendizagem desse público.

3 Cultura Surda

A pluralidade presente entre vários grupos existentes, nos leva a buscar e compreender as particularidades desses indivíduos no que se refere aos seus costumes, modo de comunicar entre outras características, sobre isso, Oliveira e Rochebois comenta que:

as diferenças são entendidas a partir do momento que exploramos a história cultural por trás de cada indivíduo ou grupo, o “comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo que chamamos de endoculturação. Um menino e uma menina agem diferentemente não em função de seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada” e das leituras que fizeram ao longo de sua convivência em sociedade (Oliveira e Rochebois , 2001.p.197-212).

Se faz necessário compreender acerca do conceito de cultura surda, assim, colocamos a seguir o conceito segundo Strobel e Perlin explicam que:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (Strobel e Perlin ,2008, p. 22).

Posto isto, em relação ao povo surdo, é imprescindível buscar compreender todas as características, o modo como vivem e interagem em comunidade e fora dela, suas lutas e dificuldades enfrentadas ao longo da história enquanto grupo cultural minoritário .O sujeito surdo sempre esteve presente em meio a uma sociedade ouvintista, que nem sempre teve aceitação enquanto um grupo que tem uma identidade e cultura própria, por parte de alguns grupos sociais, nota-se que, durante um período da história a comunidade surda foi subjugada e sua identidade e cultura posta de lado, prevalecendo o oralismo em detrimento a linguagem de sinais. Em relação a essa prevalência da oralização Costa(1994,*apud*, Campello,2008,p.66) escreveu que “Depois da experiência do monge Ponce de León, [...] Jacob Rodrigues Pereira começou a usar a metodologia de Bonnet para ensinar sua irmã que era surda e com o sucesso dela[...] a partir de então fundamentou a oralização”.

Com isso, muitos educadores e simpatizantes do método oralista, como o pedagogo alemão Samuel Heinicke, promoveram diversos eventos para tratar da metodologia oralista, culminando no sombrio Congresso de Milão 1880. Por meio desse congresso, a língua gestual foi praticamente proibida de ser utilizada pelos surdos além de diversas proibições como o casamento entre surdos; destruição dos institutos, considerados repositórios das línguas de sinais. Esse cenário permaneceu por muitas décadas, até que na década de 60 os estudos realizados por William Stokoe acerca da língua de sinais tomaram impulso. Segundo seus estudos, a língua de sinais se assemelhava estruturalmente a língua oral. Acerca deste assunto, Lacerda comenta que:

assim como da combinação de um número restrito de sons (fonemas) cria-se um número vastíssimo de unidades dotadas de significado (palavras), com a combinação de um número restrito de unidades mínimas na dimensão gestual (queremas) pode-se produzir muitas unidades com significados (sinais). Propôs também em sua análise que um sinal pode ser decomposto em três parâmetros básicos: O lugar no espaço onde as mãos se movem, a configuração da(s) mão(s) ao realizar o sinal e o movimento da(s) mão(s) ao realizar o sinal, sendo estes então os "traços distintivos" dos sinais (Lacerda, 1998, p.68-80).

A partir dos estudos de Stokoe com base na ASL, a cultura oralista começou a declinar, surgindo novas pesquisas e perspectivas de ensino voltadas ao sujeito surdo, o que culminou com o que chamamos de comunicação total na década de 70. Segundo Moura (1993, *apud*, Lacerda, 1991) “a comunicação total pode utilizar tanto sinais retirados da língua de sinais usada pela comunidade surda quanto sinais gramaticais modificados e marcadores para elementos presentes na língua falada, mas não na língua de sinais”. Acerca dessa temática, Assis (2019, p.41) afirma: “a principal diferença entre as línguas orais e as de sinais estaria no canal de expressão e recepção, já que a língua de sinais se expressaria de modo gestual-visual e não oral-auditivo”.

4 Concepção de inclusão e o papel da pastoral do surdo no Brasil

O sujeito surdo foi, ao longo do tempo, moldado de acordo com o que a sociedade ditava como “normalidade”. Se olharmos para o passado, podemos perceber os diversos comportamentos de exclusão social em relação ao sujeito surdo. Na idade clássica, muitos surdos eram mortos, jogados ao mar dentre outros atos desastrosos realizados com eles, uma vez que, acreditava que a pessoa surda não tinha capacidade devido à ausência da fala. Posteriormente, a partir do século XVI, iniciou-se um novo modelo de educação dos surdos

com o monge Ponce de León, que começou seu trabalho com 2 filhos de um casal da aristocracia espanhola por meio de do uso de sinais, fazendo emergir novas perspectivas.

Notamos que, até o início do século XX, o sujeito surdo passou por diversas lutas e principalmente pela opressão, onde em muitas ocasiões tiveram suas mãos amarradas para não utilizarem sinais. Observamos ainda que o papel dos agentes religiosos, mencionando aqui a Igreja Católica, foi fundamental, iniciando a abertura para novas perspectivas no que se refere à língua de sinais, mostrando que o sujeito surdo é capaz de se comunicar e que este tem capacidade, propiciando ao surdo a possibilidade de acesso ao conhecimento e uma mudança de mentalidade na sociedade que o considerava inválido e incapaz.

A partir do exposto acima, faz-se necessário discorrer acerca do processo de inclusão, principalmente tendo o olhar dessa inclusão voltado para a Igreja Católica, situando aqui o papel da pastoral dos surdos no Brasil. Antes, é importante atentarmos ao conceito referente ao termo inclusão social, acerca disso Sasaki discorre que:

Conceitua-se a inclusão social como o processo pelo qual a sociedade se adapta para a poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos (Sasaki, 1997, p. 3).

Esse processo de inclusão se deu de forma gradativa, com a participação de diversas congregações católicas, Padres, o surgimento de novas pesquisas e estudos voltados à surdez bem como normas que buscaram colaborar para o processo de inclusão. Sobre isso Sasaki discorre que:

o documento "Normas sobre a Equiparação de Oportunidades para Pessoas com Deficiência, da ONU" (1996), tem sido utilizado para implementar o acesso às atividades religiosas. De acordo com a Norma 12, os Países-Membros devem estimular: "Medidas para a igualdade de participação por pessoas com deficiência na vida religiosa de suas comunidades. (...) em consultoria com autoridades religiosas, medidas para eliminar a discriminação e tornar as atividades religiosas acessíveis a pessoas com deficiência. (...) a distribuição de informações sobre questões relativas à deficiência para instituições e 106 107 organizações religiosas. (...) autoridades religiosas a incluírem informações sobre políticas de deficiência no treinamento para profissões religiosas, assim como em programas de educação religiosa. (...) a acessibilidade da literatura religiosa para pessoas com impedimentos sensoriais. (Sasaki, 1997, p. 36).

Alguns personagens ou agentes religiosos que contribuíram para início dessa caminhada da Igreja com a surdez foi o Padre Pierre Bonhamente, um padre Francês que faleceu em 1961, mas que durante a sua trajetória e missão, ao perder a voz, percebeu a dificuldade que era não

conseguir se comunicar, renunciando assim à atividade de pregação, e o tornando um missionário sensível ao público surdo. Percebendo durante sua missão nas vilas, que os surdos viviam marginalizados da sociedade, sem conseguir se comunicar e sem conhecer a palavra de Deus. Assim, ele abre a primeira escola de surdos em 1854.

Já no Brasil, segundo a CNBB (2006, *apud*, Cerqueira, 2019) temos como exemplo de trabalho missionário a congregação das Irmãs Nossa Senhora do Calvário, que a partir de 1933 passou a ser localizada em São Paulo. “A escola oferecia catequização e aulas de formação seguindo as regras da Pastoral, que foi formando catequistas ouvintes para dar aulas a surdos, bem como, catequistas surdos dando aulas aos seus iguais” CNBB (2006, *apud*, Cerqueira, 2006, p.16).

Percebemos, deste modo, os passos iniciados pela Igreja Católica no intuito de incluir a pessoa surda no processo de evangelização. Diante disso, um dos objetivos da igreja, de acordo com a CNBB (2006, *Apud* Cerqueira, 2019, p.17), é “Criar condições para que o surdo se torne agente de evangelização da sua própria comunidade [...], buscar a verdadeira inclusão dentro da igreja, ao mesmo tempo, superando preconceitos e respeitando as individualidades e diferenças de cada pessoa”.

Em seguida, Cerqueira (2019) comenta que apenas em 2006, depois de décadas, após o reconhecimento da Pastoral de surdos (1950), a Igreja católica lançou a campanha da Fraternidade “Levanta-te e vem para o meio”, com a intenção de conscientizar não apenas os membros da igreja, mas sim toda a sociedade, para a realidade da exclusão dentro e fora da Igreja Católica.

Inclusão/integração

“Enquanto processos sociais, a integração e a inclusão são ambos muito importantes. O que todos desejamos é atingir a meta de uma sociedade inclusiva”(Sasaki, 1999, p.19).

Nota-se que, o meio social tem passado por diversas transformações no intuito de atingir uma sociedade mais inclusiva. Aqui, pode ser colocado como enfoque o contexto histórico do sujeito surdo que, durante muito tempo, foi sendo moldado por uma parcela da sociedade que pensava que para o surdo viver no meio social era necessário desenvolver a fala, e que era inviável o desenvolvimento dos pensamentos; durante muito tempo, se tem lutado contra o que se chama “normalização”, ou seja, adaptar o sujeito ao que a sociedade considera como padrão “normal”. Segundo Sasaki(1999), as lutas das pessoas com deficiência passaram por diversas fases, a depender da cultura, a sociedade de cada época tinha uma visão diferente acerca da pessoa com deficiência. Em relação aos surdos, por exemplo, em muitas culturas como a do Egito antigo, os surdos eram considerados intermediadores entre os homens e os deuses. Em

outras, no entanto, eram jogados em precipícios. Contudo, no decorrer dos séculos, esse modo de perceber a pessoa com deficiência como um ser que precisava ser modificado, foi dando espaço ao surgimento de instituições(asilos, casas de reabilitação entre outros) para atendimento as pessoas com algum tipo de deficiência. De acordo com Sasaki(1999), as fases da integração e da inclusão social se deram de formas diferentes em diferentes épocas.

A fase da integração pode ser pensada como uma ponte para a fase da inclusão social, como citamos anteriormente, a pessoa surda, por exemplo, foi sujeitada por muito tempo ao modelo médico e, assim, ao passar dos anos, essa visão de que a pessoa com deficiência é que precisaria ser modificada, foi cedendo lugar para o processo de integração, nesse sentido, é relevante compreender o que se entende por integração, de acordo com o exposto por Sasaki(1999) é o colocar fisicamente o sujeito no meio social, integrar é um passo importante para o processo de inclusão, sendo assim, de acordo com Sasaki (1999,p.19) “a inclusão social, portanto, é um processo que contribui para a construção de um novo tipo de sociedade através de transformações, pequenas e grandes, nos ambientes físicos[...]e na mentalidade das pessoas[...]”.

Para colaborar nesse processo de integração/inclusão, diversos foram os meios legais que surgiram para assegurar os direitos da pessoa com deficiência, a citar, o Estatuto da Pessoa com deficiência(Lei 13.146/2015), esta lei assegura o direito a acessibilidade, trabalho, educação, esporte, lazer, dentre outras, buscando assim, chamar a atenção para que as políticas públicas e a sociedade como um todo possibilitem de fato, a acessibilidade desse público (pessoas com deficiência) aos diversos espaços. O percurso para que a inclusão plena aconteça ainda é longo, conforme citado pela DPES(2022) :

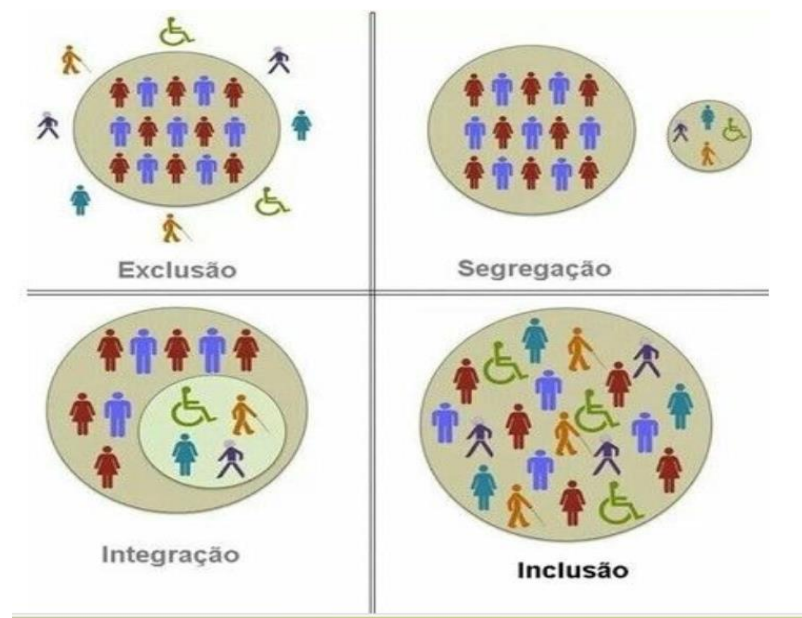
um desafio é a educação em direitos, ou seja, conscientizar a população sobre os direitos das pessoas com deficiência e informar as pessoas com deficiência sobre os seus próprios direitos. Outro desafio é em relação a efetivação desses direitos, a conscientização de políticas públicas para que esses direitos sejam efetivados(Defensoria Pública do Espírito Santo, 2022).

Em consonância com o trecho mencionado acima, Clemente Filho(1985,*apud* Sasaki,1999,p.22) reforça que “a sociedade deve ajustar-se as necessidades especiais dos seus cidadãos portadores de deficiência”. Para que esse ajuste aconteça, alguns pontos são fundamentais. Torna-se necessário incluir no processo educacional de nossas crianças e jovens o respeito ao que é diferente além do conhecimento acerca das leis. Talvez um dos inúmeros desafios citados entre os diversos pesquisadores e estudiosos da área, seja a mudança de

mentalidade e, isso só é possível com uma educação de base pautada nos direitos humanos, vale ressaltar que, para que a inclusão ocorra de fato não basta apenas, por exemplo, colocar uma pessoa com deficiência em um espaço físico, é necessário que haja todas as condições necessárias, ou seja, percebemos que é necessário também a acessibilidade.

No quadro abaixo, a Fundação de saúde de Niterói(FeSaude) traz alguns termos bem presentes em nosso meio social : exclusão, segregação, integração, inclusão, de modo que, podemos compreender de modo visual os referidos conceitos, mas, para que possamos compreender de forma ainda mais detalhada, Sasaki(1999) discorre acerca do entendimento de cada termo, tendo como enfoque o ambiente de trabalho:

[...] fase da exclusão[...] a pessoa deficiente não tinha acesso nenhum ao mercado de trabalho[...]fase da segregação [...] esta fase viu empresas oferecendo trabalho para serem executados por pessoas deficientes no interior de instituições [...] esta oferta de trabalho, e não de empregos, tinha elos com sentimentos paternalista e também com um certo objetivo de lucro fácil[...]fase integração,já nesta fase vemos suas três formas aplicadas[...]pessoas com deficiência são admitidas e contratadas [...] desde que tenham qualificação profissional e consigam utilizar os espaços físicos e os equipamentos sem nenhuma modificação[...]pessoas deficientes, após seleção, são colocadas em órgãos públicos ou empresas particulares que concordam em fazer pequenas adaptações[...] pessoas deficientes são colocadas em setores exclusivos(segregativos).(Sasaki,1999,p.29)



Fonte: FeSaude (2020)

5 Visibilidade: a relevância da pedagogia visual no processo de ensino do surdo.

Ao se falar em inclusão, especialmente no contexto do sujeito surdo, tornar-se necessário observar as características e particularidades da língua de sinais utilizada por essa comunidade. Sobre isso, Campello comenta que:

Com características viso-espaciais, a língua de sinais brasileira inscreve-se no âmbito da visualidade e, sem dúvidas, encontra na imagem uma grande aliada junto às propostas educacionais relacionadas à educação de sujeitos Surdos e de sujeitos Surdos-Mudos(Campello, 2008,p.20).

No decorrer da história, o sujeito surdo foi marginalizado socialmente, impedido por muito tempo de se comunicar por meio dos sinais e sendo forçado a viver em meio a uma cultura oralista. Essas barreiras acarretaram diversas dificuldades quanto à sua aprendizagem. Contudo, diversos estudiosos emergiram, dentre estes, a pesquisadora Ana Regina Souza e Campello, mostrando a relevância do uso de imagens no ensino aprendizagem do sujeito surdo. Acerca disso, (Campello,2008) reforça que se faça uso contínuo da visualidade na educação dos surdos e defende o uso da Pedagogia visual, ou seja, em práticas pedagógicas com características visuais.

Assim, tornar-se imprescindível que todos os membros do meio eclesial envolvidos no processo de evangelização e na catequização dos surdos sejam incluídos em formações acerca da língua de sinais da comunidade surda, bem como da importância dessa prática (Pedagogia Visual) como ferramenta para a aprendizagem do aprendente surdo acerca das temáticas propostas em sala. Acerca disso Lacerda e Caetano comentam:

Além disso, o trabalho do intérprete de Libras será muito mais efetivo quando a informação visual for acessível, pois com e sobre ela o aluno surdo poderá construir conceitos e colocá-los em tensão em relação àquilo que é apresentado pelo professor, dando oportunidades para uma aprendizagem mais reflexiva e efetiva (Lacerda; Santos; Caetano, 2013, p. 188).

Nesse sentido, Lima (2018,*apud* Balaniuk,2021) traz algumas propostas com base na Pedagogia Visual:

Passo 1, seleção do conteúdo:[...] O autor Lima, afirma que a pesquisa deve começar necessariamente com a Bíblia, pois é a mais proeminente de todas as fontes primárias. Destaca que no ato de pesquisar, algumas palavras-chaves vão dar o tom prático do que se deve fazer ao pesquisar: ler, perguntar, comparar, definir, estudar”; Passo 2, identificação de itens imagéticos: O segundo passo do processo da pedagogia visual é identificar os itens imagéticos contidos no texto bíblico. Para que este processo seja eficaz, sugere-se que ao ler o texto encontre-se palavras que poderão ser utilizadas com recursos visuais[...]; Passo 3, técnicas de reprodução: [...]mostra que a mente humana é enriquecida cada vez que estabelece conexão entre aprendizados novos e antigos, entre aquilo que é aprendido e aquilo que já era conhecido. Para que o conhecimento seja significativo, é necessário relacionar as informações entre si e relacioná-las com a vida prática, A pedagogia visual

visa o aprendizado por associação de imagens, por isso é necessário ver a viabilidade desta ferramenta dentro do ensino cristão inserido nas igrejas”. Passo 4, relação com o material de apoio: No quarto passo da pedagogia visual, a relação de reprodução de imagens com o aprendizado será o que tornará possível a fixação do conteúdo ministrado. Relacionar as imagens contidas no texto bíblico e os conceitos aprendidos, aplicando-os à vida do indivíduo surdo, faz com que o conhecimento se converta em algo vivo. Ao ministrar a história bíblica, o surdo desenvolverá uma referência imagética, que auxiliará a lembrança do que foi ensinado. Passo 5, avaliação: Neste passo da pedagogia visual, avalie se o conteúdo apresentado foi aprendido pelo aluno. Os passos anteriores são fundamentais para a fixação do conteúdo (Lima,2018,*apud* Balaniuk,2021,p.13).

Essas adaptações acima expostas, visam a colaborar para que a igreja realize o seu papel de levar a palavra de Deus para aqueles que por muito tempo não tiveram conhecimento ou acesso ao ensino bíblico. Com propostas de ensino voltadas a Pedagogia visual, a Igreja transforma o meio eclesialístico em um ambiente mais inclusivo, olhando assim as particularidades das diferenças, neste caso, a “experiência visual” do sujeito surdo.

6 Metodologia

No intuito de obter uma melhor percepção acerca do ambiente da pesquisa, optamos pelo estudo de caso, que segundo Gil(2002) é uma modalidade voltada para o estudo das ciências sociais, compreendemos assim, que a área da educação está contemplada dentro desta respectiva área. Acerca do público desta pesquisa, inicialmente eram 2 catequistas, ambas atuam na catequese com surdos, contudo, por motivos de força maior, realizamos o processo de observação e entrevista apenas com 1 catequista. Antes do início da pesquisa, realizamos uma visita ao local da pesquisa, onde foi observado que além do ambiente da catequese, a catequista também atua interpretando as missas após a catequese para esses mesmos catequizandos.

No decorrer da pesquisa, observamos a importância da contemplação de estratégias visuais no ensino dos catequizandos, e como a utilização dessas metodologias de ensino pautadas na visualidade permitem exponenciar a apreensão de conteúdos pelo público surdo, percebendo ainda que, uma formação de qualidade dos profissionais responsáveis pelo ensino, torna-se relevante.

7 Descrição e análise de dados

O resultado que será exposto a seguir, foi realizado com 1 catequista, ressaltamos que, a paróquia que foi base dessa pesquisa é a única- até o momento - que possui o trabalho de catequese com surdos na igreja católica em Imperatriz, buscou-se contato com outros membros da diocese sobre o trabalho em outras paróquias e comunidades locais, mas não tivemos conhecimento acerca de outros trabalhos em nossa busca.

Buscamos com esta pesquisa investigar acerca da contemplação de estratégias visuais no ensino dos aprendentes surdos de modo a proporcionar inclusão e acessibilidade, o planejamento de ensino bem com os materiais e metodologias de ensino utilizadas pelos catequistas.

1.Qual sua formação?

Nesta questão buscamos conhecer a formação do catequista que acompanha a turma de surdos. Abaixo ela fala de sua formação, salientando a proximidade com a língua dos surdos no Brasil:

Sou formada em História com Especialização em AEE e vários cursos na área de Libras (Sujeito da pesquisa).

Observa-se que a catequista tem formação superior além de cursos na área Atendimento especial e cursos na área de Libras, notamos durante as visitas a catequese e nas missas -em que na maioria das vezes essa catequista estava presente- que a mesma possui fluência na língua de sinais decorrente principalmente da sua experiência em escola bilíngue desde 2003, infere-se a partir dessa resposta uma preocupação da respectiva paróquia quanto nível de conhecimento do mediador (catequista) no que se refere a pessoa surda. sobre essa questão Campello (2008) traz que o conhecimento acerca da visualidade bem como a formação dos professores são essenciais para que o aprendente surdo tenha uma melhor assimilação.

2.Foi convidada para participar da turma (de catequese)?

Por meio desse questionamento, buscou-se saber a origem da catequista, se pertencia a comunidade de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro , se era convidada de outra comunidade Católica de Imperatriz ou proximidades. E obtivemos a seguinte resposta:

Na verdade, começou com o convite de uma outra catequista [...], catequista B me chamou para ajudar na questão do suporte na comunicação (Sujeito da pesquisa).

A catequista foi convidada por outra catequista B da comunidade, durante diálogos informais e visitas in loco, percebemos que alguns catequistas com os quais mantemos contato não tem conhecimento ou familiaridade com a língua de sinais, diante disso, nota-se a preocupação da igreja em buscar pessoas com formação que pudessem mediar a comunicação e colaborar com para que os alunos obtivessem uma melhor aprendizagem acerca dos temas, de acordo com a CNBB (2019, *apud*, Cerqueira, 2006) “aulas de formação seguindo as regras da Pastoral, que foi formando catequistas ouvintes para dar aulas a surdos, bem como, catequistas surdos dando aulas aos seus iguais”, observa-se que do surgimento da pastoral de surdos já havia essa preocupação quanto a forma de ministrar o ensino religioso.

3. Antes da turma de surdos, já participou de alguma formação de Libras ou já fez algum curso voltado para essa área?

Neste ponto, a intenção era ter conhecimento acerca das experiências e cursos do(a) catequista antes de iniciar as atividades com os catequizandos surdos.

Desde 2003 que eu trabalho em uma escola como professora intérprete e, como intérprete auxiliando na igreja já tem mais ou menos uns 8 meses, eu faço cursos de libras, em 2006 eu trabalhei como voluntária na escola governando Archer, então desde 2006, eu fiz também cursos voltados para à área de educação especial (Sujeito da pesquisa).

Acerca desse aspecto da formação, é importante frisar que o aprendizado do aluno será muito mais efetivo quando for disponibilizado a este um ensino pautado na visualidade (Lacerda; Santos; Caetano, 2013, p. 188, *apud* Balaniuk 2021, p.9), por isso, mais uma vez reforçamos como é fundamental que os profissionais (mediadores, catequistas) tenham conhecimento acerca desses aspectos.

Como foi reforçado no primeiro questionamento, a catequista possui experiências com alunos surdos desde, aqui ela pontuou que atua desde 2003, o que colabora para que o aprendente surdo tenha acessibilidade ao conhecimento da palavra de Deus por meio da língua de sinais com um profissional com conhecimento na área.

4. Qual o seu maior desafio ao se deparar com a turma de surdos?

O maior desafio para trabalhar com pessoa surda é que nem sempre na turma é só a deficiência é apenas a surdez, às vezes é um surdo autista ou tem alguma outra deficiência. O surdo ele tem seu tempo nem todos vão aprender da mesma forma, então, o conteúdo é o mesmo, mas geralmente a gente percebe que tem que fazer algumas adaptações para cada aluno, com essa turma específica da paróquia, ressalto que tem praticamente uns 8 meses que trabalhamos com eles. alguns alunos menores que não tem conhecimento de todos os sinais (Sujeito da pesquisa).

A partir do exposto pela catequista, percebe-se a preocupação dela em relação aos aprendentes surdos quanto a assimilação do conteúdo e as particularidades de cada um, realizando adaptações nos conteúdos que se julgarem necessárias no intuito de proporcionar uma melhor aprendizagem ao catequizando surdo, esse enunciando vem de encontro com o que discorre Campello (2008), quando comenta que é natural encontrar dificuldades na comunicação, sejam com os pares surdos -surdos ou surdos com não -surdos, tendo em vista que a língua de sinais são cheias de variações e, que algumas pessoas absorvem de forma mais rápidas e outros não de compreender ou processar os signos visuais.

5. Em relação as estratégias de ensino, você utiliza imagens no ensino desses catequizando?

Nesta pergunta, buscou-se observar as metodologias e as formas de ensino utilizadas pela catequista. E sua resposta foi:

Estamos sempre conversando enfatizando essa questão do visual porque o surdo ele é visual, então ele aprende vendo imagens, gravuras entendeu? e assim a gente sempre está reforçando isso, sempre utilizamos imagens que represente o ensinamento ou tema daquele dia, mas, as vezes tem texto também. Alguns alunos menores que não têm conhecimento de todos os sinais, utilizamos a datilologia juntamente com imagens, figuras, vídeos (data show), reforço ainda que na catequese tem os catequistas oficiais /efetivas e, a minha função é ajudar nessa parte da comunicação, tendo em vista que nem todos os catequistas que atuam na paróquia tem domínio da Libras (Sujeito da pesquisa).

As palavras da catequista nesta questão vêm de encontro ao que é explanado por Jobim e Souza (2000, *apud* Campello, 2008) “vivemos na sociedade da visualidade, da esteticização da realidade, da transformação do real em imagens (...).”

Diante do que foi acima exposto no que tange a importância da visualidade, percebemos que a catequista tem consciência da importância dessa particularidade do sujeito surdo, observou-se o uso contínuo de materiais visuais: personagens bíblicos em formato de bonecos (modelo teatro), montado também em forma de livro com um número considerável de figuras coloridas, reforço ainda que, a catequista interagia com os alunos, reforçando acerca do tema, de modo a avaliar se de fato eles compreenderam o que foi repassado. Em alguns momentos, durante as aulas da catequese, percebi que alguns alunos não compreenderam a história narrada pela catequista, esta, voltava e reforçava por meio da língua de sinais e principalmente nas expressões faciais e corporais, de modo que o(a) aluno(a) compreendesse o conteúdo abordado.

8 Considerações finais

A partir desta pesquisa foi possível investigar o trabalho realizado em uma sala de catequese com catequizandos surdos em uma Paróquia na cidade de Imperatriz- MA, e assim, acompanhar a condução da turma pela catequista, observando como a catequista preparava o material, as estratégias usadas em sala para transmitir o conteúdo da bíblia, além de perceber a reação da turma diante do conteúdo que estava sendo explanado.

A pesquisa ocorreu em 2 etapas, na primeira foi uma visita à Paróquia para conversar com a catequista e observar o seu convívio com a turma de catequizandos surdos na sala e durante a missa-esta ocorre após a aula de catequese-. Na segunda etapa, realizamos o envio de um questionário com 5 perguntas para a catequista via WhatsApp. Na terceira etapa realizamos a partir das respostas coletadas uma explicação acerca de cada item respondido.

Nota-se a disponibilidade de poucos materiais voltados para a “Igreja católica e surdez” e “Pedagogia Visual”. Contudo, os materiais que localizamos e que serviram de base para essa pesquisa, colaboraram para o entendimento de algumas concepções até então desconhecidas. A partir do material estudado e da pesquisa de campo, reforçamos, com base nos conteúdos e na entrevista, acerca da relevância no que se refere ao entendimento e compreensão por parte dos catequistas e de todos os membros da comunidade sobre o sujeito surdo em relação a sua cultura e as particularidades da sua língua, aqui dando ênfase a “experiência visual” desse público e , salientamos como a ênfase na questão visual contribui não apenas para uma aprendizagem mais efetiva mas coloca a igreja no caminho mais inclusivo.

REFERÊNCIAS

- Os desafios para a inclusão das pessoas com deficiência na sociedade** – Disponível em :<https://www.defensoria.es.def.br/os-desafios-para-a-inclusao-das-pessoas-com-deficiencia-na-sociedade/>. Acesso em 14/02/2023
- CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Aspectos da visualidade ne educação dos surdos**. disponível em : <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91182>. Acesso em 20 de outubro 2023.
- CERQUEIRA, Larissa Mota. **Diversidade, inclusão social e educacional**. Alagoínhas: Bordô-Grená,2019.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de Pesquisa**.4.ed.São Paulo: Atlas,2002.
- PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. **História Cultural dos surdos: desafios contemporâneos**. Disponível em : <https://www.scielo.br/j/er/a/qR5cDC7tgf5SyMtrSGvSVFC/>. Acesso em : 06 de janeiro de 2024.
- Lacerda, C. B. F. de .(1998). **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos**. Cadernos CEDES, 19(46), 68–80.<https://doi.org/10.1590/S0101-32621998000300007>.
- OLIVEIRA, Angela Lemos de; ROCHEBOIS, Christianne Benatti. **Culturas do Silêncio ou Culturas Silenciadas**.In:CAMPELLO; LIRA; ANDRADE(org.).**Educação das pessoas surdas: práticas e reflexões**.Itapiranga,Schereiben,2021.p.197-212.Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/356562186_Educacao_das_surdas_praticas_e_reflexoes. Acesso em : 06 de janeiro de 2024.
- OMOTE, Sadao. **Normalização, integração, inclusão**. Ponto de Vista: revista de educação e processos inclusivos, n. 1, p. 04-13, 1999.
- REILLY, Lucia; PORTO, **O papel da igreja nos primórdios da educação dos surdos**. Disponível em : <https://doi.org/10.1590/S1413-24782007000200011>. Acesso em : 03 de janeiro de 2024.
- SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA editora e Distribuidora Ltda, 1997. Disponível em: 02 de janeiro de 2024.
- SILVA, César Augusto de Assis. **Cultura Surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade**.2.ed.São Paulo: Terceiro Nome.2019.
- VATICAN. **Pierre Bonhomme-Biografia**. Disponível em: https://www.vatican.va/ne_services

/liturgy/saints/ns_lit_doc_20030323_bonhomme_po.html.Acessado em: 23 de dezembro de 2023

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa**. 2. ed. rev. atual. – Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2011

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE ESTADUAL
DA REGIÃO TOCANTINA DO
MARANHÃO

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E LETRAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

Questionário

- 1. Qual sua formação?**
- 2. Foi convidada para participar da turma?**
- 3. Antes da turma de surdos, já participou de alguma formação de Libras ou já fez algum curso voltado para essa área?**
- 4. Qual o seu maior desafio ao se deparar com a turma de surdos?**
- 5. Em relação as estratégias de ensino, você utiliza imagens no ensino desses catequizando?**

Fonte: autoria própria

